

EXPRESSÕES DE RELIGIOSIDADE EM FESTA DE SANTO PROMESSEIRO E PADROEIRO*

José Carlos de Lima Filho**

Resumo

O estudo da religiosidade e da religião presente na festa é fundamental para a compreensão do mito, rito e os símbolos inseridos na devoção e na promessa ao santo, tendo como inspiração pontual o foco dos rituais, especialmente o rito processional, ou seja, o rito itinerante que ainda perpassa o século XXI, mesmo diante de tanta dessacralização. O propósito desta pesquisa é refletir no ritual itinerante, as diferentes expressões como gestos, silêncio, vestimentas caracterizadas, objetos, bandeiras e sons que se encontram movimentando as relações de proximidade e intimidade entre o romeiro (devoto e/ou curioso) e o santo. Para tornar esta reflexão fundamentada, decidimos partir de uma pesquisa de campo, durante cinco dias, junto aos frequentadores, devotos promesseiros, tentando coletar informações livres e espontâneas, agregando-a ao material bibliográfico que trata do mito, rito e símbolos utilizados pelo caminheiro na procissão. O nosso objetivo é apontar as diversas expressões de religiosidade na festa do Santo Padroeiro; pontuar a importância dos ritos itinerantes como fenômeno religioso numa sociedade secularizada; refletir sobre o rito ao ar livre a partir de uma relação próxima entre o devoto e o santo promesseiro; compreendendo desta forma a noção de sagrado, usando a metodologia da "observação-participante", na tentativa de garantir a identidade e práticas sociorreligiosas na festa alusiva ao santo padroeiro.

Palavras-chave: Festa. Devoção. Fenômeno religioso.

Introdução

Este artigo trata de descrever a festa religiosa em sua origem e o sentido manifestado pela devoção e tradição no espaço e tempo sagrado e profano. O santuário referente a qualquer santo oferece um campo vasto para a investigação do fenômeno religioso a partir do rito caminhante como: a promessa, procissão, peregrinação ou romaria, inserida na cultura, na

---

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE.

** Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2012), Especialista em Ciências da Religião Pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2007), Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1983), Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1991) e licenciado em Estudos Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1985). Atualmente é professor efetivo Adjunto II na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

qual está contido o mito, rito e o simbolismo religioso, permitindo um estudo aguçado sobre as expressões do povo com base na tradição, bem como da religião institucional ou oficial.

Outra questão pontual diz respeito à criação da idéia de proteção inserido no rito. A intenção de pesquisar sobre religiosidade como expressão religiosa, se justifica na ausência de uma literatura que trate de modo acadêmico sobre os ritos itinerantes, ou seja, os ritos deambulatórios, ou seja, a procissão que caminha no entorno do santuário.

A pesquisa objetiva observar a festa religiosa, apontando as diversas expressões de religiosidade; pontuar a importância do rito que caminha como um fenômeno religioso que atravessa a sociedade secularizada; refletir sobre os ritos ao ar livre como uma ação venerativa de proximidade entre o divino e o humano e, por fim, identificar o sincretismo e a noção de sagrado a partir dos ritos de movimentos.

Os ritos de movimentos, tais como: procissões, peregrinações e romarias são similares nas expressões gesticulares, palavras, comprometimentos, mas diferentes de um lugar para outro, porque a religiosidade se caracteriza na dimensão mais cultural do que doutrinária. A religiosidade surge com a mistura de crenças, culturas, religiões e superstições, com muita emoção e clima festivo.

Para o povo devoto, o milagre pelas imagens, está no mito de origem: cavernas, fundo do rio, floresta, capela, etc. O maravilhamento sobrenatural, o inexplicável; tudo é mito, ou seja, narrativas sagradas. Isso comprova que não existe rito sem o mito, daí ocorrer à experiência religiosa e a intimidade do romeiro com o santo, através da afetividade, afinidade, o contato e as trocas simbólicas, o que confirma as expressões de religiosidade sem a presença de sacerdotes, geralmente tem origem no ambiente doméstico.

As expressões de religiosidade são evidentes na relação íntima das pessoas com o santo, tomando como exemplo o nome das cidades e dos estabelecimentos comerciais. Nas cidades, o fervor das pessoas na

preparação para a festa é algo diferente; porém, as expressões de religiosidade são iguais em termos de ritual em qualquer lugar do mundo, em que o belo aparece para receber o sagrado com folhagens, vasos, toalhas, areia colorida, papel brilhante, iluminação nas ruas, andores giratórios e decorados e muita reverência.

Na religiosidade popular não existe fundamentalismo, nem fanatismo, mas muita devoção e pouca doutrinação. Participar religiosamente de uma festa implica na saída de duração temporal "ordinário e a reintegração no tempo mítico, re-atualização na própria festa" (ELIADE, 2006, p. 63).

Segundo Bourdieu (2009, p. 49), "religiosidade reverte-se de um caráter intensamente pessoal, tornando parte integrante da experiência religiosa", enquanto para Durkheim, a religião é um ritual, nunca uma festa.

As festas brasileiras estão diretamente ligadas à tradição lusitana, indígena e africana. Sob a herança da cultura européia, herdamos o catolicismo dos santos de devoção, como por exemplo: o culto as imagens, novenas, promessa; tudo isso misturado a elementos culturais e religiosos de povos nativos e africanos que resultaram nas rezas fortes como as "benzeduras".

A imposição cultural total dos portugueses não foi possível em razão da resistência dos nativos. Uma das alternativas dos colonizadores foram às festas ligadas às produções agrícolas, fazendo uma ponte entre a colheita, semeadura e homens. A festa era para agradecer e pedir a proteção divina. Com o tempo, a festa passou a estar associada a outros elementos, tais como: padroeiros, seres sobrenaturais, adotando santos do catolicismo.

As festas culturais de imediato se adéquam às festas católicas de padroeiro e santo milagreiro. Dentre as festas religiosas, também existiam as festas menores aos domingos, denominada de domingas (DEL PRIORE, 2001, p. 13). A Igreja Católica foi se adequando às comemorações festivas, alusivas aos santos que passaram a dar nomes às capelas, fazendas, cidades, pessoas e estabelecimentos comerciais. "Existe um grande número

de cidades brasileiras, apadrinhadas com nome de santos das mais variadas invocações" (ARAÙJO, 2007, p. 8).

O termo "religiosidade" é inerente ao homem desde os primórdios da história da humanidade e sempre esteve presente antes da religião, em que o transcendente é revelado pela a ação (sentimento, devoção e confiança). A religiosidade está nas emoções humanas, nas festas ou ritualizações, unindo o sagrado ao profano, portanto, um vínculo entranhado na cultura do povo. Vejamos o que diz Peter Berger (1999) a respeito da religiosidade: "é um sentimento difuso de ligação com o sagrado, sem hierarquia formal, regras de comportamento rígidas e centrando a atitude religiosa na liberdade do indivíduo".

A religiosidade é a religião de cada sujeito. É aquilo que entendemos por sagrado (sentimento religioso). É, pois, uma teologia feita pelo povo, fora do contexto e do texto. É o próprio conhecimento religioso com característica popular, histórica e antropológica. Enfim, a religiosidade emana do conhecimento empírico e vivencial do povo, uma religião sem amarras; assistemática, espontânea, voluntária e coletiva.

Uma festa organizada por diversos segmentos da sociedade, trazendo um resultado com ganhos significativos no tocante a mistura de crenças, valores e anseios. O evento festivo que revive tradições, reconstituindo a história a partir da identidade cultural e social da cidade.

O sentido da festa numa relação sagrado e profano, construindo ligações entre a organização religiosa, moradores e devotos no contexto histórico e cultural da promessa ao santo. Além disso, a questão da herança cultural dos nativos indígenas, africanos e lusitanos inserida na religiosidade, religião e na festa.

Segundo Croatto, em sua obra: "***as linguagens da experiência religiosa***", o rito aparece como uma norma que guia o desenvolvimento de uma ação sacra", ou seja, o rito é uma ação temporária de dimensão social e normativa. A análise do rito caminhante, ou seja, itinerante como fenômeno sociorreligioso que enriquece a nossa sociedade, buscando

elementos que só contribuíram na agregação de elementos culturais e religiosos. Na vida sociocultural e nas religiões, o rito deambulatório é evidenciado e atualizado todos os anos. (CROATTO, 2004, p.330)

A religião no Brasil eclodiu a partir da religiosidade sincrética e hibrida, aglutinando elementos da cultura e da religião, enriquecendo a grande diversidade religiosa brasileira, sendo motivo instigante para se estudar na academia. As festas no enfoque sagrado e profano, nas relações sociais, no âmbito cultural, temporal e espacial estão inseridas em todo contexto de uma festividade, através de um ponto convergente, por exemplo: a imagem do santo protetor. Como afirma Manguel: "As imagens tornam presentes para o analfabeto, para aqueles que só percebem visualmente, por que nas imagens os ignorantes veêm a história que tem de seguir" (MANGUEL, 1997, p. 177). A imagem do santo milagreiro oferece uma mensagem tanto para o instruído como para o ignorante; enquanto para os alfabetizados, a imagem do santo é uma opção de leitura, algo a mais, para o analfabeto, de grande importância que significa toda a proteção.

Certamente, já se estudou a respeito da festa, tratando do aspecto do sagrado, pelo seu valor e ressignificação nas expressões de religiosidade, fomentando uma riqueza histórica, social e cultural.

As expressões de religiosidade para o promesseiro na festa religiosa possuem características sagradas e profanas, embora se apresentem unidas, porém, não se misturam. As expressões de religiosidade ganham visibilidade na festa, quando remonta a história de fundação da cidade, garantindo a permanência da identidade cultural e social advinda da herança lusitana, indígena e afrodescendente.

Origem do culto ao santo

A devoção ao santo, apesar de ser uma devoção antiga nos moldes do catolicismo de santos, consegue se adequar ao catolicismo clerical, mesmo mantendo as expressões do catolicismo tradicional. Na verdade, a peregrinação, procissão ou mesmo romaria dedicada ao santo protetor se identifica como um fenômeno reinterpretado por diversas pessoas de segmentos sociais diferentes. Neste estudo, mostraremos algumas considerações sobre o santuário e como os peregrinos observam o rito itinerante. A devoção e festa abrem um vasto campo de possibilidades para a área das ciências da religião concernente à cultura e demonstrações de mitos e cosmologias da tradição de longa duração.

Diante do universo da religião institucional, a louvação e a veneração ao santo trazem visibilidade e autenticidade participante dos dirigentes religiosos. Os depoimentos dos romeiros de forma voluntária e espontânea foram como horizontes que se abriram na compreensão das expressões de religiosidade na festa e na devoção.

Os ranchos e alojamentos acontecem nas escolas, nos hotéis da cidade e nas residências de amigos, em que a conversa quase sempre informal fornece ricas informações através de laços de convivência.

Na verdade, todos buscam o contato direto com a tradição que envolve a multidão que caminham todos os anos. Talvez a romaria possa ser uma ferramenta, pela qual os peregrinos entram em contato com sua cultura, já ameaçada pela sociedade secularizada que descaracteriza a tradição cultural.

A riqueza de conhecimento a partir das conversas e das estórias é muito grande, pois nos romeiros estão inseridos os mitos, as lendas e superstições, ou seja, o pensamento mágico da religiosidade. Diversos estudos sobre santuários, devoção e festa, apontados por outros autores em países diferentes coincidem com as estórias contadas pelos romeiros.

A relação entre religião e mito, remonta o catolicismo dos santos em relação ao catolicismo clerical. Busca-se mostrar essa relação no contexto histórico e religioso, a partir das expressões festivas e devocionais no rito que caminha. Observando e analisando a procissão ou peregrinação, destacamos algumas questões pontuais:

No primeiro momento - tem-se como finalidade aproximar o leitor deste estudo sobre ritos itinerantes. No segundo momento - a discussão do sagrado no contexto da procissão: moradores, romeiros e instituição religiosa. No terceiro momento - as experiências junto aos romeiros, os votos ou promessas. Quarto momento - pontuar os rituais e a Festa na relação entre o profano e sagrado, construindo ligações entre clero, moradores e devotos.

O foco está voltado para a tradição em torno da festa em homenagem ao santo e da experiência dos devotos. A origem da devoção do povo está relacionada com o templo, enquanto instituição, embora o fato histórico da contrarreforma no Brasil tenha levado muitos leigos e clérigos da península Ibérica e da América abandonarem a vida urbana em direção à natureza como ponto de encontro com o sagrado. Nesse sentido, essa tentativa de devoção do povo deu origem a muitos santuários na América Latina e principalmente no Brasil.

Santuário está na origem da devoção

O santuário, durante muito tempo, limitou-se à condição política, social e religiosa local, passando a ser referência religiosa como turismo religioso e atividade devocional. O espaço sagrado está na origem da devoção e a festa, na peregrinação fundante e nas estórias dos romeiros. Os romeiros vão à procissão em busca de um lugar no texto sagrado, pois o sentimento religioso está dentro do romeiro e a peregrinação é uma busca do espaço sagrado que está dentro de cada romeiro.

Nos últimos tempos, a organização religiosa resolve assumir a voz daqueles que, em um passado próximo, foi obrigado a silenciar. O sentimento religioso está vinculado ao romeiro e diretamente ligado as características culturais do lugar, em que o sagrado surge de modo concreto ao alcance dos olhos dos romeiros que se realiza pelo simbolismo das imagens que pode ser tocada como uma verdadeira experiência religiosa. A imagem e o sentimento religioso se entrelaçam nos relatos orais e escritos e a peregrinação abre caminho, permitindo o contato com o santo padroeiro, através da devoção do indivíduo promesseiro.

No santuário a devoção chama a atenção para um olhar que desperta, ilumina, liberta, transforma, cura, intercede e protege.

O sentido da festa ao santo

Os romeiros em caminhada espremem-se, ajoelham-se, levam uma rosa do andor, beijam o vidro que protegem a imagem, trazem consigo a fé e a devoção ao santo.

O sentido da festa transcende o dia rotineiro. Hoje, a festa é todo dia, perdendo aquele encanto da esperança e renovação. Daí, o sagrado apresenta uma conotação de curiosidade e novidade provisória com efeito de turismo religioso.

A festa sempre se configurou como uma dose de esperança. Hoje, talvez a festa remonte um aspecto cultural originário do passado, ou seja, uma tradição preservada com saudade e memória da cultura e fé. O sentido da festa, ou melhor, a ritualização na sociedade contemporânea é fardo para alguns e festa da vida para outros.

Peregrinação: o povo a caminho do sagrado devocional

A autêntica expressão de fé e devoção ao santo é um retrato real de uma religião sem amarras, espontânea, livre de normas doutrinais, mas convicto do sentimento religioso que existe em cada romeiro na figura do santo como verdadeiro representante de Deus na Terra.

Nos gestos, expressões de alegria e de choro estampado nos rostos dos romeiros, além do esforço dedicado para poder estar presente na festa, já é muita convicção de fé e devoção para acreditarem num mundo de esperança. A expressão da própria religiosidade popular se caracteriza pelas orações, louvores, aplausos e agradecimento. A festa é um momento forte de contato com o divino através do lazer, da vida religiosa, e dos gestos de fé e devoção (novenas, missas, procissões e a parte festiva).

O caminhar manifestado pela fé e tradição

A imagem para o devoto não é apenas uma figura simbólica, mas evoca uma divindade ausente. Como afirma Fernandes (1990, p.116), "é na sua materialidade que a santidade se manifesta efetivamente, de modo a ser visto e focado".

No dia da procissão, forma-se uma extensa fila de devotos que passam diante da imagem para rezar, tocar como reverência ao santo protetor. O momento apoteótico é a procissão, quando a imagem do santo sai em procissão pelas ruas da cidade, acompanhada pela multidão sobre um andor extremamente ornamentado com flores, filó e muita luz. É o momento em que o sagrado fora do santuário, irradia uma verdadeira manifestação de algo indescritível e único.

Para os romeiros, a sala dos milagres justifica o sagrado como uma realidade que se pode enxergar e deixar-se tocar por ele, muito embora o culto clerical desautorize estas expressões de religiosidade no espaço do santuário como forma aproximação com o sagrado.

No espaço do santuário, se misturam celebrações do culto oficial com as devoções populares, por exemplo, tocar nas relíquias do Santo, mesmo considerando uma atitude mágica, a autoridade religiosa não a reprime, mas evita falar sobre ela nos sermões. Grande parte dos peregrinos faz parte das classes menos letradas, porém, podemos constatar a presença de pessoas instruídas que acompanham a procissão em todo seu trajeto.

A procissão não faz uso de cavalo ou do andar a pé. Hoje, o que se pode constatar o uso de motocicletas, bicicletas e automóveis para o deslocamento até santuário. Conversando informalmente com romeiros, diziam eles: "naquele tempo, as pessoas iam a pé pagar promessa ao Santo, com as trouxas na cabeça, quartinhas d'água, chapéu de palhas na cabeça. Andavam muitas léguas para ir visitar o santo. Não tinha canseira, tinha muita fé". Acrescenta ainda o romeiro: "parece que a quantidade de fé daquele tempo era mais do que hoje".

O uso de animal cargueiro levando mantimentos, hoje foi substituído por carros fretados ou mesmo carro próprio. Atualmente, os romeiros viajam de ônibus fretado, contratado por um chefe de romaria que se responsabiliza de organizar tudo: reúne os romeiros, faz a listagem dos interessados, acerta o preço e recolhe o dinheiro, marcando a data de saída, além de providenciar a hospedagem. Entre os romeiros do mesmo ônibus existem uma relação fraternal, todo mundo é amigo.

Nos últimos tempos, com as rodovias asfaltadas e exigências da lei de trânsito, os caminhões passaram a ser substituídos por ônibus, apesar de mais caros. A relação de amizade fraternal deixa de existir quando o organizador é um político. No caso, o que se observa é o clientelismo estabelecendo a relação entre fortes e fracos.

O tempo máximo de permanência na cidade é de três dias, incluindo a chegada e a saída. Entre os romeiros, seus trajes caracterizados, simbolizando o santo padroeiro.

Além dos romeiros devotos, temos outros visitantes atraídos pela Festa do Padroeiro. Esses romeiros, geralmente viajam em carros

particulares ou ônibus da linha e participam de maneira eventual e/ou curiosa, buscando entretenimento. Diante do exposto, vejamos o que diz Sanchis (1983, p. 97): "a romaria não é uma simples reunião de pessoas que participam numa mesma visão de mundo." Enquanto que Eade & Sallnow (1991, p. 15) afirmam: "como uma espécie de espaço ritual capaz de acomodar sentidos e práticas diversas"

Espaço de trocas simbólicas

Os rituais da romaria nos santuários católicos apontam para um sistema de trocas simbólicas, entre o romeiro e o santo, como afirmam Eade & Sallnow (1991, p. 24), ao afirmarem que "são importantes os santuários depósitos e dispensários de graças e bênçãos em suas variadas formas materiais e não-materiais; as doações em dinheiro, velas, missas encomendadas às almas, o sacrifício e os favores que se espera alcançar materialmente e imaterialmente.

As mercadorias expostas nas barracas vão desde santinhos, artesanato e até aparelhos eletrônicos. Grande parte dos produtos é originária do Paraguai, salvo algumas barracas ligadas à Paróquia com produtos artesanais. Para o catolicismo oficial, o comércio é uma contravenção, enquanto para os romeiros, o comércio integra a festa, juntamente com as trocas simbólicas estabelecidas na celebração ao santo protetor. Muitos romeiros matam o tempo, olhando preços e comprando lembrança do Santo e da cidade para levar prá casa, por exemplo: uma pequena estatueta em um quadro emoldurado com sentido de dar extensão à presença do santo milagreiro na sua vida.

O fato é que o comércio de objetos é representado como mediador de bens materiais que presenteficam a ausência do imaterial.

É evidente que o povo é religioso, sobretudo, supersticioso. É religioso, entretanto, na romaria se constata a grande ligação com Deus, por intermédio da figura do santo. Há uma preocupação dos dirigentes

religiosos em valorizar as práticas rituais dos romeiros e de incorporá-las no culto oficial, a fim de buscar uma liturgia mais popular, valorizando os sermões a partir do povo.

As promessas feitas pelos peregrinos dão origem ao rito itinerante, como afirma Fernandes (1990, p. 118), "ao fazer a promessa, o promesseiro reconhece que existe um centro que está fora dele, junto ao santo".

Para chegar até o centro, os peregrinos decidem caminhar e, como se refere a um contato com o sagrado, a caminhada é vivenciada como um ritual de aproximação e limpeza espiritual. O que leva o peregrino a se tornar um devoto, embora o milagre alcançado tenha começado no espaço doméstico. Os milagres acontecem de fora para dentro do santuário. Na conversa que tivemos com os romeiros, não presenciamos nenhum milagre no local do santuário, enquanto para os dirigentes do culto, não existem nenhuma motivação com relação às manifestações de milagres no local do culto, afinal, os milagres acontecem no ambiente doméstico e se torna público no santuário.

A difusão dos milagres se dá boca a boca, pela experiência pessoal do promesseiro, através de uma cadeia de conversação oral, daí estabelecer a romaria ou a procissão como uma exibição pública e reconhecida por todos.

Os relatos dos milagres que contribuem na tradição oral são como documentos que ajudam a sustentar o sistema de relações entre o santo protetor e o devoto peregrino. As curas fora do santuário geralmente acontecem antes da promessa ser cumprida junto ao santo protetor; apenas os votos e a fé nos milagres que colocam as pessoas na trilha da peregrinação, mas o contato coletivo de companheirismo que a procissão proporciona.

Os rituais de uma procissão, o sentimento de religiosidade se apresenta de modo diferente, expressando um leque de práticas e símbolos a partir do catolicismo oficial, contrapondo com os espaços alternativos,

onde o peregrino se comporta de modo espontâneo, livre, assistemático e fora do domínio clerical.

A procissão, romaria ou peregrinação transmitem aos devotos o sentido que sustenta a cultura, na qual eles estão inseridos. A ligação entre cultura e ritual leva o romeiro ao centro do culto, durante a caminhada celebrativa. O ritual atualiza o mito que vem das origens do culto ao santo, sacralizando as normas e orientando à ação dos devotos. A cultura e o ritual andam juntos e os símbolos contribuem para compreender a visão de mundo.

Os ritos praticados na procissão, mesmo mantido na uniformidade de uma celebração, apresentam formas de um universo variado de práticas individuais, onde os devotos atuam livremente, distantes do controle normativo dos sistemas religiosos, incorporando símbolos que articulam pessoas de diferentes origens sociais e diferentes experiências religiosas.

Os rituais na procissão são múltiplos, comparando com as celebrações como novenas, sermões, missas, a procissão e o culto à imagem do santo. Porém, os romeiros usam o catolicismo tradicional popular.

Para Steil (1996), em sua obra: ***O sertão das romarias****, na polissemia da linguagem ritual*, as pessoas se identificam com os seus símbolos e sentem-se solidárias, apesar das diferenças sociais e ideológicas existentes entre elas.

O culto religioso, na maioria das vezes, tem sido usado como ferramenta de manifestação do poder clerical no santuário, reafirmando a mediação entre o peregrino e santo. O culto religioso se constitui o ponto de convergência da procissão. Pierre Sanchis (1983, p. 98) reitera, dizendo: "o clero regula a procissão no entorno do santuário"

Os romeiros jamais passariam sem a celebração religiosa. Eles a consideram o momento forte da procissão. Portanto, a missa é a ponte de ligação entre devoção e catolicismo clerical. O peregrino quando está na festa, assiste à missa, volta à hospedaria, descansa e torna a voltar para a celebração religiosa.

O sagrado e o profano não estão tão separados, embora no pensamento popular esteja distante. Entretanto, a missa é central, proporcionando as diferentes experiências religiosas se interagirem entre si na polissemia do ritual. Nesse sentido, acreditamos haver um entendimento mais direto entre romeiros e dirigentes sacerdotais no processo de comunicação com o devoto.

O culto religioso contempla emocionalmente os romeiros e seus participantes e a imagem do santo sendo privilegiada como sagrada, projeta-se para fora do santuário, sacralizando o espaço profano.

A procissão proporciona certa igualdade onde todos caminham com o sentido de renovação espiritual. A multidão, caminhando pelas avenidas e ruas, é como se a vida saísse da rotina e penetrasse no domínio da liberdade utópica.

Os caminheiros se despedem da imagem, fugindo o controle clerical, tocando-a para se revestir de santidade, a mesma representa um movimento de interiorização com a intenção de valorizar o espaço sagrado controlado pelo clero.

O devoto dificilmente vai ao santuário sem passar em frente à imagem, tirando fotos e tocando-a. Nos últimos dias de festa, formam-se longas filas e aglomeração diante da imagem,então os romeiros a reverenciam e rezam, tornando-se diferentes e renovados.

"Os romeiros, os significados míticos do lugar se incorporam a imagem ao longo do percurso histórico" (STEIL, 1996, p. 129). A relação direta com o santo é uma das características do ritual itinerante, em que o santo é uma pessoa íntima e humana, mas poderosa e solidária para o romeiro.

A dimensão festiva do rito itinerante refere-se ao fato do corpo ocupar um lugar central, enquanto ligação entre a morte e a vida, dor e prazer. Como escreve Sanchis (1983, p.155 – 160), "os contrários se compõem para homenagear o santo".

Representatividade da imagem na festa no contexto histórico

Nos textos sagrados cristãos, o segundo mandamento de Deus a Moisés, não permite o uso de imagens: "não farás para ti imagens de escultura, nem figura alguma do que está em cima, nos céus, ou embaixo, sobre a terra, ou nas águas, debaixo da terra". (EXÔDO: 20,4)

Na religião e na arte, as imagens esculpidas pintadas e desenhadas, sempre tiveram lugar de destaque, tanto para os letrados como para os iletrados. Com o surgimento da arte gótica no século XIII, as imagens tomaram conta das janelas, colunas, paredes, ou seja, a iconografia do sagrado se expandiu para a madeira, pedra e vitrais.

Por volta do século XIV, as imagens saíram das paredes para o papel com pouco texto e muita imagem, o que se popularizou de imediato por toda a idade média, tornando-se a bíblia dos pobres, embora a escrita e a leitura fossem um privilégio de sábios e poderosos. Entretanto, o folheto e livros com muita imagem e poucas palavras já era um grande avanço.

É bem verdade que a iconografia garantiu o imaginário do povo a feitura das imagens para a permanência do sagrado na fé meramente visual, projetando uma íntima relação de proximidade entre o devoto e o Santo.

A representatividade da imagem na festa religiosa garante o culto aos santos, como foco fortalecedor da religiosidade na prática da fé, desde o início dos séculos e tem continuado até os dias atuais. É fato que as canonizações continuam, muito embora o processo de santificação se limite ao controle do Vaticano, em Roma.

A cultura religiosa e a santidade

Na cultura religiosa, a dimensão da santidade é um aspecto difuso e multifacetado que vem adquirindo forma no decorrer do tempo. Ser santo,

no início dos primeiros cristãos, era adotar regra do martírio ou ter assumido a causa do rei confesso.

Em meados do século III, o termo santidade passou a ser encarado de outra forma, porque as perseguições não mais aconteciam. A santidade se voltou para os mosteiros e posteriormente para o clero, por serem representantes e intermediários entre o divino e o homem, além de portadores da concepção de sagrado. O título de Santo era acessível e automático para os sacerdotes.

Já no século XI, somente o papa teria direito de santificar ou canonizar alguém como Santo que merecesse ser cultuado como Santo. A questão de Santo passava por uma formalização institucional, regido pelo direito canônico (PETRUSKI, 2005, p. 74).

A imagem só tem valor significativo e estético quando a consciência mítica se rompe, surgindo um modo privado reconhecido na tradição, na arte, o que ocorre nos oratórios apresentados no período festivo.

No Brasil, no século XVI, as ritualizações ou as festas devocionais vêm desde os primeiros anos de colonização. A função das festas religiosas teve um papel fundamental na mistura entre grupos sociais e matrizes religiosas. Apesar das mudanças estruturais, a devoção e a promessa ao santo inseridas na festa do padroeiro e milagreiro, ainda é uma evidência e motivo para festejar.

Considerações finais

No decorrer deste artigo, algumas questões pontuais foram se estabelecendo, o que levou a reflexão sobre a festa do povo e suas expressões de religiosidade a partir dos aspectos históricos, culturais e sociais. A festa é uma oportunidade única de se criar possibilidades, criando manifestações no seio cultural e religioso: na linguagem expressiva; na vivência de valores de solidariedade, articulando a vida do povo em torno dos símbolos, mitos e ritos.

O lúdico se manifesta nos valores, criando utopias sintetizando vitórias e expressando o *ethos* de um povo, mesmo sendo uma sociedade globalizada, ou seja, a cultura nivelada de modo universalizado, trazendo em seu bojo, animação agregada ao sentimento religioso, entranhado no ser humano.

Ao terminar este trabalho, nos sentimos como se fôssemos romeiros, relatando uma estória conhecida por todos e repetida várias vezes, de pessoa para pessoa; histórias contadas com verdadeira significância de algo alcançado com sucesso, o que podemos chamar com certeza de expressões de religiosidade de um povo.

Sinteticamente, podemos concluir que o rito no santuário, está implícito nas expressões de religiosidade popular, ou seja, no catolicismo dos santos.

As expressões religiosas populares se inseriram no catolicismo universal, frente aos símbolos, crenças, mitos e ritos do espaço local que resistiu o poder ortodoxo, mas se mantendo na tradição oral.

O poder atrativo dos santuários diz respeito à diversidade do campo religioso brasileiro, especialmente no catolicismo dos santos, constituído por romeiros, moradores e autoridades religiosas, formando hierofanias diversas. Estudar a procissão como parte da festa do santo padroeiro do lugar vai de encontro com a tradição e contrapondo a modernidade.

O que ocorre são dois universos fechados, confrontando com a experiência religiosa dos devotos, não diminuindo a prática da promessa, procissão e devoção ao santo protetor nos últimos anos.

O crescimento da festa permanece até os dias atuais, o que antes se constatava com a presença de romeiros vindos da zona rural. Hoje, grande parte dos romeiros é de origem urbana. Talvez a festa e a procissão tenham adquirido um novo perfil de turismo religioso, onde prevalece a curiosidade do evento religioso sem potencialmente institucional.

As festas religiosas são manifestações que expressam a verdadeira religiosidade no grande mosaico religioso brasileiro, representados pelos

gestos, palavras, atos, na busca do encontro com o sagrado, alicerçado pelo mito, rito e o símbolo. Cultos aos santos, missas, ladainhas, novenas e procissões são práticas celebrativas que estabelecem uma relação de proximidade entre o romeiro e o transcendente.

As festas acontecem nos espaços sagrados, agregando pessoas de diferentes cores, faixa etária e classe social, promovendo um espetáculo de luz, cores e sons. O momento religioso apresenta-se com a função de socializar e valorizar o quesito história e cultura. O encantamento dos romeiros se dá pelas velas acesas, fogos de artifício, santos, vestimentas, ornamentos suntuosos a se aplicar na festa, onde as dificuldades cotidianas são esquecidas, vivendo o novo durante vários dias de festa.

Na história das civilizações, a festa tem sido o viés principal de todos os povos e religiões, levando em conta o espaço e o tempo sagrado como referência. Os textos sagrados cristãos podem constatar inúmeras festas, tanto no Antigo e como no Novo testamento.

Dessa forma, o espaço e o tempo sagrado coincidem com a festa, ou seja, a ritualização destinada a cada santo na data comemorativa.

No Brasil, o catolicismo marcou de modo incisivo a figura dos santos como expressão de religiosidade, comprovando nos nomes das cidades, ruas, estabelecimentos comerciais, empresas, nome de pessoas, além dos feriados atinentes aos santos protetores e padroeiros das cidades.

No templo dedicado ao santo protetor, os ritmos diversos são motivos de atrativos para o povo no entorno da Catedral, o que podemos denominar de parte profana, entretanto, os momentos sagrados discorrem no interior do templo, segundo opinião dos dirigentes religiosos.

Para os romeiros, os momentos profanos fazem parte do sagrado, porque proporcionam a confraternização entre pessoas de diversas origens sociais. Muitas expressões de religiosidade fogem ao controle do clero.

O santuário é um espaço urbano de amplas zonas rurais e por essa razão, ainda se preserva a identidade cultural, ou seja, a memória de

algumas comunidades que defende a tradição, apesar das rupturas culturais promovidas pela mídia e o bombardeamento de informações.

A secularização tem ameaçado a tradição, ou seja, a religiosidade e o hábito igrejeiro de frequentar os templos têm entrado em crise, sendo substituído pelos espaços virtuais. A multimídia tem desafiado os templos, praças e ruas, mas as festas religiosas ainda sobrevivem no século XXI, embora enfrente desgastes gradativos.

O colorido das luzes, o calor humano, o lúdico e o miraculoso, talvez corroborem para a permanência das festas religiosas. Por outro lado, a curiosidade é outro aspecto a ser considerado a exemplo do turismo religioso, onde as tradições podem adquirir uma nova configuração frente à secularização acentuada das sociedades modernas.

O homem moderno talvez precise de novos caminhos para se reencontrar com o sagrado, numa prática religiosa virtual na busca de valores a serem rememorados. A festa religiosa com base na tradição, ainda representa a fundação e a história de um povo ou cidade, estabelecendo elo com os santos protetores do espaço social, cultural e religioso, reatualizado pelo mito.

Em pleno século XXI, as festas ou ritualizações se transformam, passando a se adequar ao novo momento da cultura globalizada.

A nossa proposta é tornar este estudo um trilhar de reflexões para futuros estudiosos da área das Ciências da Religião e áreas afins que desejem compreender o contexto, na qual está inserida a religiosidade na festa religiosa, podendo ser motivo do estudo nas escolas, nas ONGs ou espaços que tenham como finalidade formar cidadãos comprometidos com a identidade cultural e social.

Este artigo sugere a princípio se tornar uma fonte de reflexão para interessados em investigar o sentido da festa, a partir da identidade histórica local, tomando como base: os diferentes costumes, tradições e representações simbólicas.

A religiosidade como sentimento religioso assistemático, fora do texto e do contexto, pode corroborar para as transformações sociais de uma região, cidade ou comunidade. Dessa maneira, buscando a verdadeira origem da religião e da religiosidade, estamos ao mesmo tempo procurando a nossa origem humana.

Referências

ABUMANSUR, Edin Sued (org). **Turismo religioso:** ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas, Papirus, 2003.

AMARAL, Rita de Cássia Melo Peixoto. **Festa à Brasileira:** significados do festejo no país que "não é sério". 2002. 403 f. Tese (Doutorado em Antropologia)-Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, 2002.

BALANDIER, Georges. **A desordem do movimento**. Rio de Janeiro, Bertrand, 1997.

BASTIDE, P. Arbousse. **Cultura e Matéria**: Que é cultura. O Estado de São Paulo, 21/06/1935: Azevedo, Fernando, A Cultura Brasileira. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil.** Contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. 3ª edição. Livraria Pioneira Editora. São Paulo. 1989.

BECK-HAUSER, Alberto. **Religiosidade e piedade popular, santuário e romarias**: desafios litúrgicos e pastorais? Frei Alberto Beckhauser, - Petrópolis: Vozes, 2007, 206 p.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. São Paulo, Paulus, 1985.

BINGEMER, M.C.L., A sedução do sagrado. In: CALINMAN, R. (Org.). **A sedução do sagrado**: o fenômeno religioso na virada do milênio, Petrópolis, Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Religiosidade popular e misticismo no Brasil**. SP: Paulinas, 1984.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis, Vozes, 1997.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Notas e documentos para a História de Mossoró**. (Col. Mossoroense). Mossoró: Fundação Vingt-um Rosado, maio de 2001. 4ed.

_____. **Religião no povo**/ Luís da Câmara Cascudo – 2ª ed. – Global, 2011, 187 p.

CHEVALIER, Jean & Gheerbrant, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro, José Olympio, 2001.

COILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Edição 70, Lisboa – 1988.

COUSINEAU, Phil. **A arte de peregrinação**: para o viajante em busca do que é sagrado. São Paulo, Ágero, 1999.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo, Paulinas, 2001.

DURKHEIM, Émile. **Formas elementares de vida religiosa**. São Paulo, Paulus, 1989.

DUVIGNAUD, Jean **Festas e civilizações**. Fortaleza: UFC: Rio de Janeiro – tempo brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. Trad. de Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **O mito do eterno retorno**: arquétipos e repetição. São Paulo. Martins Fonte, s.d. 474p. 1999

_____. **História das crenças e das idéias religiosas**, volume II: de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo / Mircea Eliade; tradução Roberto Cortes de Lacerda, - Rio de janeiro: Zahar, 2011

_____. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões/ Mircea Eliade; tradução Rogério Fernandes, - 2ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2008 – (tópicos).

FERNANDES, Rubens César. **Os cavaleiros do Bom Jesus**. Uma introdução às religiões populares. São Paulo. Brasiliense, 1982.

GRUN, Anselm. **A proteção do sagrado**/ Anselm Griin; tradução: Carlos Almeida Pereira. 4ª Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MALDONADO, Luís. **Para compreender o catolicismo popular**. Estella. Verbo divino, 1990.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional / Rudolf Otto. [Traduzido por] Walter O. Schlupp. – São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

RIVIÈRE, Claude. **Os Ritos Profanos**/ tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Vozes, Petrópolis, 1997

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço & Religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro. UERJ, NEPEC, 1996.

SANCHIS, Pierre – **Arraial**: Festa de um povo as romarias portuguesas. Lisboa, Dom Quixote, 1983.

_____. "**Festa e religião popular**: as romarias em Portugal". **Rever**. De Cult. Vozes. N. 73, p. 245- 258, jan/fev, 1979.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da lapa – Bahia – Petropólis: RJ, Vozes, 1996.

TERRIN, Aldo Natale. **Introdução ao estudo comparado das religiões**/ Aldo Natale Terrin; Tradução Ginseppe Bertazzo, - São Paulo: Paulinas, 2003 – (coleção religião e cultura).

_____. **O rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo, Paullus, 2004.

VILHENA, Maria Ângela. **Ritos**: expressões e propriedades/ Maria Ângela Vilhena – São Paulo: Paulinas, 2005. – (coleção temas de ensino religioso).

WOODWARD, Kenneth L. **A fábrica de santos**/ Kenneth L. Woodward; tradução: Raul de Sá Barbosa. / São Paulo: Siciliano, 1992.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus**: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular, 1983.